

Anistiado político: HORIESTE GOMES
Data de nascimento: 17/01/1934

O CONTATO COM A ESQUERDA

Eu vou apontar de uma maneira bastante objetiva quatro condições que me levaram a entrar para o partido político e ter uma visão de mundo, que é a visão do socialismo, a visão do comunismo. A primeira: a formação de berço, a formação de casa, que vem da casa dos meus pais onde aprendi desde cedo a trabalhar; nós fomos forjados, criados no trabalho, pelo trabalho. E a disciplina dos meus pais era muito rígida neste sentido, era uma criação muito rígida e correta, com respeito ao ser humano em todos os sentidos. A segunda foi a educação comunitária. Eu fui criado e forjado desde os cinco anos no bairro de Campinas. Ali eu passei a fase de criança, de adolescência, de maturidade e foi onde eu me envolvi já com a presença de comunistas porque houve um fato importantíssimo. Nessa época a perseguição de comunistas já era muito grande em Campinas. Inclusive a casa dos meus pais, que é outra questão fundamental, foi sempre aberta, de apoio e proteção. Nós tivemos alguns comunistas que passaram e ficaram, digamos assim resguardados na casa dos meus pais. Tivemos o Badu, que era um marceneiro do Partido Comunista, foi muito perseguido; tivemos o Carmo, que era um tenente da Aeronáutica; teve na casa dos meus pais, para você ter uma ideia, o Valter que era do Comitê Central. A casa dos meus pais foi uma casa que deu sempre apoio. Mas por que deu? Porque meus dois irmãos já estavam a caminho dessa mesma causa, são irmãos mais velhos. Então essa questão foi central. Outra questão é que minha formação da adolescência para a juventude e da juventude para a maturidade deu-se num momento que foi o chamado grande movimento nacionalista que estava vivendo o Brasil. Você tem o movimento nacionalista, logo após a queda de Vargas a subida do general Eurico Dutra, que foi um governo aberto à entrada do capital americano, mas a partir dessa época, e a partir do momento em que o Partido Comunista foi colocado na ilegalidade e depois vem à legalidade, o Partido parte para um processo de articulação política, processo eleitoral... Então, nós tivemos aí essa fase que vai 1946, 1947, principalmente 1948 até o governo Kubistchek, em 1955, a morte de Vargas em 1954, nós tivemos um período de movimento muito intenso com esse movimento denominado nacional desenvolvimentista, mas principalmente um movimento nacionalista, do Brasil para os brasileiros.

Nessa época eu já era estudante. Em 1954, já tinha terminado o Lyceu de Goiânia. Fiz o primário no Grupo Escolar Pedro Ludovico, em Campinas, que considero a melhor escola que tive na minha formação, escola pública, diga-se de passagem. Fiz o ginásio e o científico no Lyceu e ingressei na universidade em 1955. Aí fui direto para o curso de História. Como a gente tinha uma ligação com elementos de esquerda, uma formação rígida dentro de uma disciplina de respeito, tinha uma vida comunitária – conhecia Goiânia e Campinas de ponta a ponta, que era pequena; então, era uma sociedade integrada, havia todo um processo de emulação, digamos assim, entre as pessoas.

MILITÂNCIA

Fui cooptado pelo Bailão logo após o golpe de 64, na primeira semana. Isso do ponto de vista de militância organizada, porque antes eu já tinha aquela militância como simpatizante, digamos assim, um aprendiz do socialismo. Quando entrei em contato com o Bailão, ele já me conhecia, já vinha há alguns anos trabalhando comigo. Ele me conhecia por causa dos meus irmãos mais velhos que eram do Partido, o Horlando e o Batista. A chegada do Bailão teve um papel fundamental para mim. Isso foi na década de 1959, 1960. Isso teve um papel fundamental porque eu encontrei nele a pessoa com espírito coletivo, com desprendimento. Eu encontrei nele um homem de sabedoria em todos os sentidos. A vida ensina a gente a reconhecer um homem de sabedoria é na simplicidade, no valor coletivo que ele representa. Ele tem um valor de indivíduo, mas tem um valor de cidadão que dá uma dimensão coletiva. Então, quando encontro o Bailão e entro no Partido, eu já passo a ser um elemento ativo no Partido. Aí vou conhecendo os outros companheiros e encontrando antigos companheiros. Por exemplo: o Basileu Pires, um elemento que me chamou muita atenção; o Tibúrcio, um elemento extraordinário, primeiro encontrei nele uma pessoa de um raciocínio muito lógico, muito lúcido e uma capacidade de desprendimento e trabalho. Estava pronto para a ação que eu organizava. O Geraldo Marques Mendes era outro elemento. E fui encontrando os elementos do Partido. Elementos daqui, dentro dessa realidade nossa. Encontrei o José Fernandes, que foi um elemento que a gente cooptou, um trabalhador de um significado muito grande, de muito valor e respeito. E fui ampliando aquele círculo. E à medida que eu fui vivendo as condições de formação profissional - eu me interessei muito cedo em conhecer também a parte teórica, o que vinha a constituir o Marxismo, o Leninismo...

Eu fui marcado muito cedo. Quando eu fiz o Grupo Escolar Pedro Ludovico - foi por isso que falei que foi a melhor escola que eu tive, naquela época a gente entrava aos 7 anos de idade, não era aos 4, 5 anos como é hoje - havia uma disputa, mas uma disputa sadia. Eu tive um quadro de professores excelentes, que estava adiantado à época do ponto de vista didático-pedagógico. As aulas eram quase todas fora da sala de aula. Eles faziam um processo de emulação, de disputa. Eu sempre fiz esforço porque havia premiação. Meu autor premiado, o primeiro autor que me despertou foi Monteiro Lobato. Primeiro a literatura infantil. O Saci foi um dos primeiros que livros que eu ganhei. Tinha premiação até o 3º lugar. E aí foi o Sítio de Dona Benta, As Reinações de Narizinho... Eu sei que ganhei vários livros de Monteiro Lobato. Depois eu dei um salto para as obras dele de análise da realidade brasileira, mais tarde evidentemente, mas foi um autor importante.

Agora eu me envolvi com a literatura muito grande, principalmente quando eu estava terminando o Lyceu para o curso de História. Por que eu me envolvi? Por uma razão básica. Eu passei a gostar tanto da História, que é um fato que até parece meio inédito, mas um professor de História me colocava para dar aula para meus colegas. Grande parte das aulas no primeiro ano do curso de História, o professor me colocava para dar afirmando que eu às vezes tinha conhecimento superior ao dele. Mas é que eu gostava da História e estava lendo. E ao mesmo tempo eu tive uma professora de História, que é da família Castelo Branco, Helena Castelo Branco, que está viva, que era uma professora extraordinária. Quando eu escrevi a minha primeira monografia foi sobre o socialismo na União Soviética. Ela me deu dez. E ela é da família Castelo Branco. Na época era tida como reacionária, mas foi uma pessoa de um valor extraordinário, com uma respeitabilidade, de um saber muito grande. Eu fiz vários trabalhos com ela e recebia uma nota elevada. Ela não misturava as coisas. E foi uma pessoa importante. Quando eu estava preso e precisei de um atestado do tempo que eu passei na

universidade, tinha os advogados Dr. Romulo Gonçalves e o Luiz Fortine, que é muito meu amigo, eles a procuraram e eu recebi dela um atestado de alto mérito, que era para fazer parte do meu processo em andamento em Brasília.

Já na década de 1950 tinha a presença de muitos comunistas perseguidos. Eram os comunistas do passado. Essa década de 1950, 1960 para mim é um marco, foi quando eu entrei em contato com vários elementos do Partido Comunista e que dei cobertura... Vou citar dois exemplos. Um pouquinho antes da década de 1950, eu era aluno do Grupo Escolar Pedro Ludovico Teixeira. Seu Romualdo, que era vizinho do Grupo, era um comunista notório, altamente perseguido. Então, era uma pessoa com quem acabei me identificando no próprio grupo escolar quando, num jogo de pelota no pátio, a bola caiu do lado de lá do muro. Estava na minha cabeça que os comunistas eram comedores de criancinhas. Seu Romualdo era um exemplo de perseguição. O Carmo Bernardes é dessa época, era tenente da Aeronáutica. O Badu, que eu citei, que era o marceneiro que está em dos meus livros, foi um dos elementos com quem eu tive muito contato porque eu também era marceneiro, nós o abrigamos em nossa casa. Teve uma época que ele me convidou para participar do movimento lá em Uberlândia e eu não fui por causa da minha mãe. Ela pediu para eu não ir. Eu não fui. Eles nem chegaram a descer do caminhão e foram barbaramente espancados. Quem cuidou das feridas do Badu foi minha mãe. Isso foi na década de 50.

Vou citar outro fato: A vinda do Gregório Bezerra, que muita gente desconhece. O Gregório Bezerra veio, fez uma ligação com Belo Horizonte, Uberlândia, Anápolis, parou em Campinas. Aqui em Campinas onde eu morava. Eu era menino, estudante, não era do Partido Comunista, era um simples estudante. Ele ficou com a missão de reorganizar o Partido. Ele foi a grande injeção de ânimo e ficou três meses no estado de Goiás dando cobertura e principalmente reorganizando o Partido na área rural, no campo. Onde havia uma organização de base, onde havia um resquício de comitê ele conseguiu reanimar, criando as várias organizações. Foi importantíssimo. Quem acompanhou mais isso aí junto com o Gregório Bezerra foi o Bailão e o Tibúrcio, que eu saiba. Tinha também o Lindolfo. Esses três que acompanharam mais o Gregório Bezerra durante essa turnê pelo estado de Goiás. Fez dois comícios e a polícia desceu o pau. Quem estava nos comícios? Os comunistas, os estudantes e os simpatizantes populares. Alguns comunistas foram presos, mas a maioria foi de estudantes. Houve várias prisões e a atuação da polícia foi violenta.

A presença dos comunistas vem da década de 1949 para 1950 aqui dentro dessa realidade, no nosso território que é Goiânia, Goiás... A gente sabe que após a 2ª Guerra houve realmente a bipolarização do mundo, a formação de dois blocos definidos. É preciso retomar a história. Durante a guerra o imperialismo percebeu que o maior inimigo que tinha pela frente já não era o nazifacismo, eram os comunistas. Eram as repúblicas populares que se formavam durante a caminhada do Exército Vermelho de Libertação. Você sabe que tem uma marcha desse Exército que vai perder quase vinte e dois milhões de pessoas. Onde tinha condição de se formar um partido que fosse nacionalista, que fosse comunista ou socialista se criou o partido e surgiram depois as repúblicas populares. Durante o processo da guerra, o imperialismo, principalmente tendo os Estados Unidos pela frente, já sabia que o grande inimigo era a União Soviética. Então, tinha que jogar em cima da União Soviética tudo aquilo que podia denegri-la.

Quando o Gregório Bezerra esteve aqui, quais foram as duas principais campanhas que foram feitas pela paz? A campanha pelo Pacto de Varsóvia e do Apelo de Estocolmo – todas as duas

pela paz. A paz contra a guerra do Vietnã e a paz contra a guerra da Coréia e contra a bomba atômica. Isso estava dentro da linha do socialismo. A bandeira pela paz era fundamental. Para vencer os inimigos a paz era fundamental, e não a guerra. Os comunistas dessa época já tinham essa visão. E nós trabalhamos aqui. Na época do Gregório Bezerra já houve a distribuição e a coleta de assinaturas para os dois apelos, o Apelo de Estocolmo e o Pacto de Varsóvia.

No caso de Trombas e Formoso, o conflito maior vai acontecer em 1967, 1968, mas antes tem conflitos menores. Eu relato isso num livro meu que vai sair.

Tinham os governadores Juca Ludovico, Mauro Borges e Pedro Ludovico. Pedro Ludovico foi primeiro. Pedro Ludovico foi um governador importantíssimo do ponto de vista de que ele vai levantar a bandeira da reforma agrária na região, o que evidentemente não vai acontecer no governo dele. Vai acontecer no governo do Mauro Borges, do filho (de Pedro Ludovico).

1º ENCONTRO DE CAMPONESES, OPERÁRIOS E ESTUDANTES.

Nós tivemos uma coisa extraordinária aqui em Goiânia, que foi o primeiro encontro de camponeses, operários e estudantes. Eu não sou muito bom de data, mas ele aconteceu em 1963, se não me falha a memória. Aquele encontro em grande parte foi organizado pelos comunistas, pelos elementos do nosso partido. Eu estava lá, o Bailão, estava a turma toda, todo o pessoal de Anápolis, o Clóvis, o Tibúrcio. Esse encontro representou a unidade. Porque uma das concepções básicas Marxista-Leninistas, e aí é Leninista, é a unidade do campo com a cidade. Esse encontro do campo com a cidade foi possível fazer com a participação efetiva dos estudantes. Foi um encontro tríplice. Por que estudantes? Porque nossa representação estudantil era muito grande, forte. Goiânia sempre foi uma cidade de estudantes, de movimentos estudantis, de engajamento. Foi um encontro de três mil pessoas. De Trombas e Formoso estavam o Amaro, o José Ribeiro, marido da Dirce, uma pessoa extraordinária que eu vim a conhecer no partido; o José Porfírio era o presidente do encontro; o desembargador Maximiano da Mata. No dia do encontro houve uma crítica a ele, uma jovem estudante o desconhecia, uma menina, uma grande combatente que eu acho que a ditadura matou, era até uma aluna minha: Isa Oliveira. Ela levantou-se contra o Maximiano, todo engravatado, ele estava na mesa; ele, Mauro Borges, Zé Porfírio, Colemar Natal e Silva. (Esse encontro me fez lembrar a Revolução de Outubro, aqueles soldados acampados, os soviets espalhados colocavam redes para se proteger do frio. O Instituto de Educação ficou tomado, camponeses para tudo quanto é lado com os seus colchões...) Então, o Maximiano foi cobrado. A jovem não o conhecia e se referiu a ele como o “homem aí representante da elite burguesa”. Ele tomou a palavra e fez um relato da vida dele como camponês e explicou que estava ali representando o Comitê Pro-Cuba. Deu uma lição de sabedoria. Foi um encontro maravilhoso.

O GOVERNO JOÃO GOULART

Tem um dado importante. Nós temos que agregar a concepção que nós temos do governo Goulart. Essa é uma concepção minha. Posso estar enganado, mas vou colocar a minha concepção. Eu comecei como professor em 1957. Em 2007 fiz 50 anos de carreira. Temos a figura do presidente João Goulart. Se pegarmos a relação dos presidentes do Brasil a partir dessa fase, a gente verifica que no governo Goulart se criaram as condições mais favoráveis de abertura total – de ideia, de pensamento, de reunião. Havia uma facilidade imensa de você se reunir e passar as ideias. É lógico que isso vinha de trás. Não podemos entender o governo

Goulart só a partir daqueles dois anos que antecedem o golpe. Ele vem da época do Getúlio Vargas, quando ele era ministro. Então, vem a grande luta contra a existência do João Goulart, contra seu comportamento, seu modo de agir. Depois vem o Café Filho, que é um governo de um ano só. Depois o Plano de Metas do Juscelino que desemboca na eleição do Jânio Quadros e do João Goulart como o vice-presidente mais bem votado na história do Brasil. A condição de liberdade era imensa. Eu me lembro que nessa época em qualquer reunião que a gente fosse, na vida social, vivendo em contato com a sociedade, num banco, em qualquer lugar, o povo se comunicava com aquela expressão de mudanças. As mudanças já estavam em marcha. As reformas de base, que eram preconizadas, era o grande objetivo do governo Goulart. E foi nessa época que o Partido mais entrou no governo, foi nessa época do governo Goulart. Ele esteve presente no governo Getúlio Vargas, mas sua maior participação foi no governo Goulart. A história do Partido em Brasília confirma isso.

Na época do Jânio Quadros eu estava presente e assisti aquela renúncia. Ele governou seis meses. Tudo leva a crer que, como ele tinha uma tendência para uma liderança totalitária, a preocupação era provocar aquele impacto com a renúncia e voltar nos braços do povo, o que não aconteceu. No partido a gente estava analisando essas questões. Eu já estava praticamente dentro do partido, atuando. O Partido teve uma participação assim. Quando a gente pega a história dos movimentos, pega, por exemplo, o movimento dos marinheiros, dos cabos e sargentos se confrontando contra a estrutura daquele poder representado pela extrema direita tanto a nível da sociedade civil quanto dos militares, o que você verifica é que o Partido tinha crescido muito dentro do governo Goulart e vai dar o apoio. O grande comício dos cem mil na Central do Brasil é um exemplo da presença do Partido. Em grande parte o Partido esteve presente. É lógico não é o partido por si só, as centrais dos trabalhadores que o Partido tinha muita relação com elas.

Em contrapartida o inimigo tinha seus movimentos: a Campanha por Deus, a Pátria e Família; a TFP – Tradição, Família e Propriedade, do Plínio Correia, que era nazifascista. Os institutos como o Ibade, que era um instituto financiado pelo capital americano; o Ipês que era um grande instituto de pesquisa, mas permitiu a entrada de tudo. O Golbery, por exemplo, estava lá dentro do Ipês.

O Partido tinha um vínculo muito grande em Brasília. Por exemplo, a ligação de Brasília com o campo. O Partido de Goiânia, Anápolis e Brasília fazia uma ligação com a luta dos camponeses de Trombas e Formoso e com a luta que começou a se desenvolver pela criação da associação, que se tornou Sindicato dos Lavradores do Vão do Paranã. É uma história que eu conheço bem porque meu irmão foi presidente da associação e depois do sindicato, que era do Partido Comunista. Então, o partido teve uma grande atuação nesse processo. Quando se lançou aquele discurso da Central do Brasil, o governo Goulart radicalizou mais, evidentemente, lançando aquelas reformas. Apesar de que ainda eram reformas dentro do início de um processo, não era uma radicalização do processo. O socialismo ensina muito bem, o Leninismo, o Marxismo, que a conquista da democracia se faz através de um processo dialético, uma luta de contrários.

Veio um grande cisma no Partido. Isso começa no início da década de 60, quando o Partido já estava caminhando para um racha devido posições antagônicas. Quando chega a fase que vai, digamos assim, anteceder o golpe, que o Partido deveria enxergar esse momento... Aqui em Goiás, a visão do partido que eu tenho, eu militei dentro do Comitê Estadual, dentro da Comissão de Agitação e Propaganda e dentro de uma organização de base - na condição de

quadro do Comitê Estadual eu tinha maior entrada e conhecia grande parte da estrutura do partido. Eu que fazia as viagens, juntamente com o Bailão fiz várias viagens pelo interior tentando organizar o Partido (O grande eixo era o eixo Anápolis-Goiânia. Anápolis com uma tendência maior do ponto de vista sindical, já tinha um movimento sindical mais avançado, já tinha muita experiência. E Anápolis fazendo um gancho com Trombas e Formoso e Brasília.). Aqui, experiência nossa, nós não enxergávamos o ontem. A visão que nós tínhamos era uma visão utópica da realidade. Até a formação nossa foi uma formação na crista de uma conquista do poder político pela via pacífica. E as experiências do Partido, a nível nacional, de perseguições, o Partido já tinha experiência de perseguições, ela não foi repassada a nós como militantes. Eu posso afirmar isso com muita certeza dentro da estrutura do Partido em Goiás. Os mais velhos não passaram a nós essa experiência. Nós acreditávamos que íamos enfrentar o inimigo, apesar da grande diferença de forças. De um lado você tem uma estrutura de poder imensa e do outro nós éramos franciscanos. Nós não tínhamos nada. Poucos aparelhos. Nós tínhamos o quê? Ideias, ideais, sentimentos, emoções e ideal de mudanças, de transformação. Isso tanto é verdadeiro que quando você lê todos aqueles documentos do Partido, a história de 20 anos do Partido, quando lê a carta do Marighella, que é um documento importantíssimo em que ele se posiciona contra e vai se afastar do Partido. É bom que se diga que quase todas as organizações se originaram do Partido Comunista. Quase todas. O Partido é o galho, a mãe natureza que desabrochou todas as outras vanguardas revolucionárias, quase todas. São poucas as que não nasceram do Partido. Às vezes por via direta, às vezes indiretamente. Bom, quando você olha a carta do Marighella, que faz acusação, que o Partido tinha que ter se posicionado naquele momento do golpe, tinha que ter tomado posição, partido para as ruas, para o movimento, e isso não aconteceu... Nós sabemos que não houve aquela movimentação. Veio o golpe, parece que pegou tudo assim de supetão. O partido não tinha infraestrutura suficiente e nem superestrutura de quadros para partir para movimento de rua. Isso a gente constatou bem: se a nível nacional isso não aconteceu, a nível regional muito menos.

Nós já tínhamos certo nível de organização, já tínhamos uma área de organização, de atuação relativamente boa tanto no sudoeste de Goiás, na linha da estrada de ferro, aqui seguindo também em direção à Goiás Velho, Itauçu, Itaberaí. Tínhamos atingido também a Chapada dos Veadeiros, os municípios que correspondem ao Vale do São Patrício, uma atuação muito importante do Partido naquela área, na formação de organizações camponesas. Os quadros que estavam lá eram os quadros do partido que estavam na cabeça desse movimento. Era o Bailão, era o Tibúrcio, o Geraldo Marques, o Zé Sobrinho, era a Dirce e outros mais. Não houve tempo suficiente para a fuga, mas realmente acreditávamos que seríamos julgados. Porque partimos para uma luta pacífica, achávamos que teriam uma condução honesta, de respeitabilidade. O partido não nos orientou sobre isso.

Quando houve aquela luta que vai produzir a separação, criando as diferentes alas... O Marighella é o elemento que conduz a separação, cria a Ação Libertadora Nacional - ALN e leva grande parte dos partidários para a ALN. Muitos companheiros cobraram que nós deveríamos ter feito a preparação para a pressão do golpe. Isso aconteceu. Mas olha que nível de preparação. Essa eu conheci pessoalmente por duas razões. Essa preparação foi cobrada em várias reuniões do Comitê Estadual, aí o Comitê para dar uma satisfação criou uma comissão de preparação para a luta armada. Fazia parte dessa comissão o meu irmão Batista. Ele foi encarregado de ser um instrutor – um elemento que nunca teve o menor preparo em armas na vida dele. E quais foram as armas que o partido conseguiu angariar nesse processo de preparação que praticamente não houve? Elas ficavam escondidas na casa dos meus pais. O Batista era o encarregado. Eu vi essas armas. Contava no dedo e não chegavam a dez. Então,

nós não tínhamos instrutores, não tínhamos condições. Foi mais para dar uma satisfação àqueles quadros que queriam partir para a luta armada, que acreditavam que tínhamos que ir para a luta armada para impedir o surgimento do processo de um contragolpe. E o golpe veio. Eu coloco algumas variáveis para entender isso aí. Uma delas está relacionada à atuação do partido. Nós tínhamos uma relação, apesar de não ser uma relação devido à distância Rio-São Paulo-Belo Horizonte, mas nós tivemos a presença de vários militantes do Comitê Nacional aqui. Evidentemente nós não sabíamos os seus nomes e não tínhamos essa preocupação de saber seus nomes, apenas seus nomes de guerra, isso fazia parte do nosso processo de preservação. Mas vários desses militantes eram os elementos que mantiveram uma chama acesa no partido. Por exemplo, na minha época de militância teve o Ferroviário, teve o Cairó, teve o Carlos, teve o Velho, teve o Valter Ribeiro. O Valter Ribeiro ficou três meses escondido na casa dos meus pais. Ele era um oficial, um capitão que a ditadura assassinou depois. Tivemos vários elementos, o partido teve isso. Tanto que quando eu estava sendo inquerido eles queriam saber desses detalhes. E a grande vantagem nossa é que, pelo menos que eu saiba, ninguém tinha conhecimento dos seus nomes verdadeiros e nem dos seus locais. Evidentemente a gente suponha que eles tinham vindo do eixo Rio-São Paulo, pelas suas falas, pelos seus saberes. Foi uma escola de aprendizagem que eu tive dentro da casa dos meus pais. Eu aprendi muito com esses companheiros, mesmo antes de entrar para o Partido.

Outro lado importante: O movimento de Trombas e Formoso começou a dar projeção para Goiás. Lembrou aquele movimento lá do Paraná que o Partido organizou e participou. Chamava Pareucatu, uma coisa assim. O nosso companheiro Alaor atuou nessa região de Apucarana, onde viveu. Foi o primeiro movimento camponês, foi no Paraná, antecedeu Trombas e Formoso. O movimento Trombas e Formoso levou a imprensa, a grande imprensa parou lá: O Cruzeiro, por exemplo, esteve lá; a Manchete, vários jornais. Alfredo Nasser esteve lá e foi um dos grandes elementos que fez a propaganda a favor dos camponeses. Era um elemento da UDN, mas era a favor dos camponeses. O que deu projeção também, depois da deposição do governo João Goulart, foi a Campanha pela Legalidade. A relação Brizola e Mauro, por meio de quem vem a campanha, e devido à questão de família. A mulher de um é parenta do outro. Goiás já não era mais uma província. Goiás tinha feito um encontro camponês, talvez o maior encontro de camponeses que já tenha acontecido no Brasil.

Eu agrego nessa análise mais duas coisas importantes, que é a questão da nova capital – a presença de Pedro Ludovico nesse trabalho - e a questão da nova capital federal com Juscelino, e o apoio do Partido nesse processo. Veja que vai havendo uma conjugação de movimentos importantes. Com a mudança da capital, Goiás passou a ser muito conhecido no Brasil. Esse é um fator que vai colocar Goiás na centralidade do Brasil.

MAURO BORGES

Eu fiz parte de uma comissão criada pelo Comitê Estadual para fazer um trabalho junto com Mauro Borges; apoiar a candidatura dele a governador. Tivemos a primeira vez na casa dele, ele não estava. Fomos muito bem recebidos pelo Pedro Ludovico. Foi marcado um encontro, neste ele estava. Foi a primeira vez que tive contato pessoal com o Mauro Borges. A gente via a posição dele. Aceitou o apoio do Partido, mas não podia transparecer. Era algo meio velado, meio à distância. A gente viu que tinha alguma coisa. Quando acontece o golpe, ele toma uma posição que todo mundo sabe, ele tentou se manter na estrutura do poder. Isso perdurou até ele ser deposto, oito, nove meses, não sei bem a quantidade de meses.

No fundo, também, ele alegou uma coisa e é preciso resgatar isso: ele acreditava na fidelidade das Forças Armadas. Ele é um militar. Ele acreditava que iam arrumar a casa e depois os militares abandonariam o poder. Então, ele era um ingênuo. A gente sabe o tanto que ele tentou afastar companheiros na tentativa de apaziguar, de não ir a confronto com os militares. A gente não sabe até que ponto ele tinha uma visão da atuação dos militares.

Depois vem a pretendida aliança. De um lado a oligarquia dos Caiados, dos coronéis que vem desde o Brasil Caiado, Totó Caiado etc. E, do outro lado, o movimento revolucionário de 1930, tendo Pedro Ludovico à frente aqui em Goiás, com todo o apoio de Getúlio Vargas. Evidentemente isso não ia frutificar. Mas a gente não pode negar que determinados elementos da UDN foram elementos importantes dentro dos movimentos que surgiram nessa época. Eu citei o caso do Alfredo Nasser, que foi um elemento que sempre foi reconhecido por muitos pela sua postura. Mas ele é uma figura à parte. Cesar Basto, também foi uma figura importante; aquele que foi governador de Goiás, lá de Goianésia, o Otávio Lage; o próprio Ary Demóstenes, que estava ligado a UDN também, e era do Partido. Dizem que ele foi do Partido, só que eu não o conheci e não achei nenhuma documentação a respeito da participação dele dentro do partido. Mas se propagava que ele pertencia, e o fato é que acabou sendo um dos perseguidos, embora fosse da UDN.

Tem que se considerar que houve um rolo compressor dos militares. E esses militares, na medida em que ia tomando posse, estabelecendo seus inquéritos, não faziam muita distinção de “A” ou “B”. A gente viu que muitos elementos mais ligados à direita do que à esquerda também sofreram seus golpes. Jerônimo Geraldo de Queiroz, por exemplo, acabou sendo atingido pelo golpe militar. O próprio professor Gilberto Mendonça Teles, que foi diretor do Centro de Estudos Brasileiros, foi um elemento importante, era um liberal progressista.

Eu entrei na universidade através do Bernardo Élis. Bernardo Élis sim, teve vínculos com o Partido, pertenceu ao Partido e foi de uma das primeiras diretorias do Partido. Inclusive, tem documento histórico que comprova isso e está registrado no meu trabalho. Já o Gilberto era um elemento liberal progressista, mas deixava toda a opinião livre. Nunca foi um elemento do movimento de esquerda, mas também nunca foi contra. Mas vem a ditadura e poda. Assim, muitas cabeças do lado da UDN, ou da direita, rolaram também nesse processo. E nesse processo, evidentemente, às vezes tem a aproximação de um ou outro diante do golpe. Mas quero dizer que são duas posições ideológicas diferenciadas. Nós estávamos muito mais próximos ao PSD, que vem dar nome ao MDB e depois PMDB, do que da UDN. A distância (da UDN) era enorme, mas havia determinados elementos progressistas entre eles.

O GOLPE

No dia do golpe eu não estava aqui. Eu tinha comprado uma chacrinha, que só deu formiga, ali na saída de Inhumas. A única coisa que deu lá foi abacaxi. Era uma chacrinha de 10 mil metros quadrados que depois, quando comecei a lecionar, troquei por uma lambreta. Eu estava lá, só fiquei sabendo da notícia quando cheguei de tardezinha.

A resolução do Partido foi essa, tomar providências naquilo que fosse possível. Como ocupávamos cargo de direção, eu tinha uma responsabilidade não só pelo fato de estar numa organização de base, a Comissão de Agitação e Propaganda, mas principalmente pelo fato de estarmos no contexto estadual, todos nós tínhamos a responsabilidade de avisar o maior número possível de companheiros. Foi o que fiz quando tomei conhecimento da primeira

prisão de companheiro. A primeira prisão de que tomei conhecimento foi a do companheiro Jarbas, que era o José Fernandes. Eu estava na minha casa quando a companheira dele veio me procurar. Nós éramos muito amigos e estávamos trabalhando juntos na Agitação e Propaganda. A esposa dele veio e disse que algumas pessoas o levaram até a esquina, o colocou num carro e ele desapareceu. Isso foi na boca da noite. Ela não chegou a ver as pessoas. Eu falei para ela que ficasse calma, que às vezes ele tinha ido para uma reunião e ela não estava sabendo. Evidentemente eu captei que iria acontecer alguma coisa e fiquei preocupado. No outro dia ela voltou, e eu falei que precisávamos retirar alguns materiais da casa dela. O que deu a entender é que ela era totalmente alheia à militância política e desconhecia que ele estivesse ligado à organização. Eu falei a ela que como ele era professor era muito comum alunos passarem algum material, que eu queria ver se na casa dela tinha alguma coisa que pudesse comprometê-lo. Marquei de ir às 10h da noite. Eu estava sabendo que ia correr um risco. Fui e retirei o material. Eu sabia que ele tinha recebido o material e que ainda não o havia distribuído. Ele recebia o material e nós fazíamos a distribuição. Eu fui. Ela falou que não tinha nada. Falei para olhar debaixo do colchão e lá estava o pacote. Levei para minha casa e queimei esse material. Imediatamente procurei o companheiro Luís. Luís era filho do Davi, que era o secretário geral do Partido Comunista. A pessoa mais visada era o secretário geral. Por isso que imediatamente procurei o Luís e o informei da prisão do companheiro Zé Fernandes. Ele não deu muita atenção, fez até uma expressão que não foi bem de companheiro. Depois que entendi que era coisa de jovem. Falei para ele avisar o pai dele, para colocar os companheiros que pudesse em contato. Por que que eu o procurei? Porque ele era um membro muito ativo do Comitê Municipal, além de ter uma posição muito ligada ao Estadual pelo fato de ser filho do secretário.

Em 1964, a providência que sei que o partido tomou foi de desmobilização do ponto de vista de evitar qualquer contato pessoal, não reunir as diversas organizações que eram praticamente as organizações de base, os comitês secundaristas, universitários, municipais. A ordem que veio de cima foi esta: Imediatamente desativar aparelhos e esconder o máximo possível do material que cada companheiro tivesse em sua casa. É o que sei de providências imediatas foram tomadas. Vários aparelhos foram desativados no momento. E parece que deu fruto. Na verdade esses aparelhos vão aparecer mais tarde, já nessa época em a gente vai ser preso.

Veio o golpe e eu não fui preso. Por quê? Porque eles ainda não tinham em suas mãos os elementos. Eu era do quadro de professores. Eu lecionava Estudos Goianos. E foi tão importante isso que uma das coisas que eu ministrei para os elementos do partido foi Estudos Goianos. Então, eu já tinha uma experiência muito boa. Veio o golpe, e eu fui absorvido pela Faculdade de Filosofia. Logo em seguida fiz um concurso público, o primeiro concurso público para a Universidade Federal como um todo, passei e em 1968 eu já era vice-diretor da Faculdade de Educação, onde funcionava a Faculdade de Filosofia e Educação. A ditadura já estava penetrando na universidade como um todo e procurando descobrir o máximo possível. Ela foi cerceando. Ela derrubou o nosso Centro de Estudos; derrubou a nossa exposição internacional do livro; o Iseb, nosso Centro de Estudos Brasileiros, durou menos de três anos. Ele foi fundado por um professor português, professor Agostinho da Silva, a grande cabeça que veio, que tinha uma experiência na África, em Angola; tinha uma participação muito grande contra o governo de Salazar. Era um homem altamente ligado à luta revolucionária. O Centro desapareceu.

Eu continuei a carreira na Faculdade de Filosofia, fiz o concurso, passei, fui ligado a dois institutos e permaneci até a época em que houve a queda do Partido. Com a queda do Partido

eu sou puxado também. Eu vou ser preso só em 1972. As prisões começam em 1970, com vários companheiros em Anápolis, em Goiânia e em Trombas e Formoso, também. A gente encontrou esses aparelhos, que tinham funcionado desde aquela época, à medida que passou aquela fase e nós pudemos fazer as primeiras reuniões. Nós chegamos a fazer várias reuniões em chácaras, em fazendas... Havia naquela época um companheiro que possuía uma fazenda. Muitas reuniões foram realizadas na chácara do Barçalos. Diversas reuniões a ponto de a chácara ficar aberta. O próprio Barçalos agora, nesse documento que foi passado pelo filho dele e está no meu livro, ele mostra como um elemento da ditadura penetrou na chácara dele, e nós desconhecíamos a presença desse elemento.

Eu entrei no Partido logo após o golpe de 1964, na primeira semana. Eu queria ser um militante de carteirinha. Eu ouvia falar dessa dita carteirinha e nunca tinha visto essa bendita. Eu queria guardar porque era um documento histórico. Hoje teria em mãos para mostrar para os meus filhos, para os meus netos, para os meus amigos. Não tive nada disso. Eu desenvolvi a minha militância direto. Apesar de ter passado a fase do impacto, ficamos uns dois três meses sem muita atividade. Logo depois já estava participando das reuniões do Partido. Eu já estava atuando na minha organização de base, que era a de professores. Já tinha sido guindado como membro do Comitê Estadual responsável pela Sessão da Educação. Foi me dado uma missão nessa época, antes de eu ser preso, que era estruturar e catalogar a biblioteca Goethe, que era a biblioteca estadual do Partido. Esses livros foram levados da minha casa. Eu tinha muitos livros e esses livros estavam todos misturados com os meus. Eu tinha a relação de todos. Quando fui preso esses livros vieram à tona.

A gente fazia um trabalho muito bom de leitura de textos, não só do nosso jornalzinho A Voz Operária, e de outros documentos que vinham do Nacional já preparando para o 6º Congresso. O partido já estava se preparando para o 6º Congresso. Tem uma coisa interessante que hoje eu sei analisar e que na época eu não percebia. Alguns elementos que vinham nos dar assistência já tinham posições contrárias à linha do Partido. O próprio Sérgio, um militante jovem que atuou muito no Comitê Universitário, um rapaz brilhante por sinal, mas não tinha muita disciplina, não tinha muita vigilância em nada. O Sérgio teve muitas vezes na nossa casa. Depois a gente vai saber que ele já estava vinculado à outra ala, à linha Marighella, dentro da estrutura do partido. Eu considero que foi uma disputa sadia do ponto de vista do desenvolvimento teórico dos militantes. Precisava haver um processo de oposição. Isso no contexto da preparação para o 6º Congresso do Partido, que foi realizado em 1968 dentro da linha do Comitê Central. Então, a entrada desses outros elementos trouxe novos documentos. De um lado foi benéfico, aumentou o nível teórico dos militantes. Por outro lado, desestruturou muitas organizações de base, balançou muito os companheiros. A gente sabe, muitos partiram e se filiaram à luta armada e às outras organizações. Então, eu estava em atividade quando veio a minha prisão.

Eu tive um trabalho imenso quando veio o golpe, um trabalho muito importante. Não o golpe de 1964, mas o golpe em cima da estrutura do Partido que começa praticamente em 1969 com a queda do Comitê Municipal. Teve um elemento, o Jarbas, que não foi preso porque dormiu um pouco mais e não chegou a tempo no aparelho que estava se realizando.

O CENTRO DE ESTUDOS BRASILEIROS

Veja como as coisas são interessantes. Quando houve o golpe de 1964, veja o que estávamos fazendo no Instituto. O que era o Instituto? Nosso instituto era o Iseb em miniatura. O Iseb

foi o grande centro no Brasil de preparação teórica para formação de quadros que deveriam assumir as rédeas da administração brasileira. Ele tinha sede no Rio de Janeiro. Tivemos figuras extraordinárias no Iseb como o Celso Furtado, um elemento muito importante do ponto de vista da formação da política brasileira; o filósofo Jacob Gorender, que depois vai criar com o Mário Alves outra ala.

PRISÕES E TORTURAS

Eu fui preso quando eu saí da minha casa, exatamente no aniversário da Revolução Francesa, em 14 de julho de 1972. Eu não tive condições de fuga. Quando houve o golpe, eu acho que realizei três trabalhos importantes: o primeiro foi aquela ajuda ao companheiro Jarbas de retirar o material de dentro da casa dele. O segundo foi avisar os companheiros que pude: o Luís; fui à casa do companheiro Manoel, ele não estava, mas avisei a família e os que pude avisar. O terceiro foi passar a noite inteira folheando livro por livro, não só da biblioteca, mas principalmente os livros que o João Silva chegou e despejou dentro da sala num momento em que eu não estava lá. Ele conhecia muita a minha patroa, pediu licença e colocou os livros no chão. Quando cheguei estavam todos lá. Passei a noite folheando e tirando o que achava que podia incriminar mais companheiros. Eu achei que devia tirar e queimar e foi o que fiz. De manhã, saí para ir à casa da minha mãe, ela morava a cerca de 100 metros de onde eu morava, na Rua Pouso Alto, quando eu vou chegando à casa da minha mãe chega uma rural Willys em grande velocidade. Dentro do carro três pessoas; duas descem, uma imediatamente me dá voz de prisão e me joga na rural. Eles me prendem, me encapuzam, me levam, tiram minhas coisas e começam o interrogatório dentro do carro. São uns quinze, vinte minutos de interrogatório dentro do carro. Já começam citando os nomes de quatro, cinco companheiros, e citam meu nome de guerra, que naquele momento era Tiago. Evidentemente adotei a negação de imediato. Em seguida me levam à minha casa para olhar os livros e começam a retirar esses livros. Eu perdi livros preciosos. Eu perdi um dos primeiros livros que eu li, uma edição número um da Coluna Prestes, do Lourenço Moreira Lima. Levou Alviero Pinto, que era o maior filósofo que o Brasil tinha, que era o presidente o Iseb. Eu tive uma perda de quase trezentos livros. Vou revê-los em Brasília, quando sou chamado para reconhecê-los. Então houve essa prisão.

Depois sou levado para o 10º BC. Fizeram uma pergunta até boba dentro do jipe. Eles me perguntaram se eu reconhecia onde nós estávamos. Como só ouvia barulho de avião, sabia que estávamos perto do aeroporto e que estava sendo levado para um quartel, o 10º BC. Lá eu fiquei cerca de um mês. Lá teve coisas interessantíssimas. Sofri torturas, mas de ordem psicológica. Teve tortura física, mas tortura pequena, dessas bobas de mandar andar com os olhos vendados para meter a cara na parede, ou cair numa escada. Isso aconteceu comigo várias vezes no 10º BC. Primeiro eles me levaram direto para uma cela grande com várias camas sem colchão. E tinha uma com colchão, uma manta e banheiro; eu deduzi que era uma cela de suboficiais. Talvez não fosse uma cela porque era grande demais. Depois vieram os interrogatórios. Nesses interrogatórios eles sempre batiam na mesma tecla: mostravam fotos e perguntavam se conhecia as pessoas. Eu adotei a negação como tática até meu limite máximo. As práticas de tortura que eles adotavam eram psicológicas; eram ameaças, ameaçavam a família, diziam que iam fazer coisas com a mulher, mãe, essas coisas bobas que citei antes. Isso aconteceu aqui em Goiânia. Não sofri pancadas, a não ser os safanões; recebi uns três, quatro na cabeça e no pescoço, mas não pancada como vai acontecer lá na frente, em Brasília. Eu fui negando. Depois, como não queria falar, me jogaram na turma de baixo, na cela que eu falei. Acho que era de dar paulada em soldado. Um ambiente muito ruim, desprovido de tudo,

não tinha nada, nem luz, nem papel higiênico, o sanitário era um buraco no chão, a água vinha por uma mangueira. Ali eu fiquei uns três dias.

Depois me levaram para uma cela que, na verdade, era um banheiro transformado em cela. Aí vou ter contato com o Barçalos, João Batista Barçalos, um espanhol. Um homem importantíssimo, coerente, adepto do socialismo, nós utilizávamos o aparelho dele, que era sua chácara no Caveirinha, saída do campus universitário. Lá nós participamos de dezenas de reuniões. Por que que eu tive contato? Porque notei que um homem tinha sido levado para o corredor e alguém falou alguma coisa para ele. Ele respondeu que ele era estrangeiro, mas não tinha menos valor que os brasileiros. Eu pensei, essa voz não me é estranha. Depois comecei a perceber que quando chegava para dar a guarda na cela dele, ele pedia merthiolate, iodo. Comecei a me preocupar, achava que ele estava ferido. Mas ele pedia merthiolate para escrever bilhete no papel sanitário. Ele deu três pancadas na parede. Eu não respondi de primeira não, resolvi esperar mais. Achava que podia ser um álibi, tinham muitos soldados. Passado mais um tempo ele tornou a bater. Aí também dei as minhas pancadinhas. Daí fui até o fundo do banheiro e descobri uma pequena fresta na parede do banheiro, quando ela emenda com a outra. Dali eu consegui ver um pedaço do rosto dele. Aí nós passamos a trocar mensagem. Falamos o que tinha acontecido conosco. Citei os nomes que eles haviam citado durante o interrogatório para que ele pudesse ter conhecimento. Quais eram os nomes? Diógenes, Benito, José Fernandes, Daniel, João Silva, uns oito companheiros. Esse encontro com o Barçalos deu ânimo para a gente.

Passado esse tempo sou colocado num quarto, não era cela porque não tinha grade, que tinha uma cama com um papelzinho com o nome de João Silva. Deixei do mesmo jeitinho. Sabia que eles queriam que eu o identificasse. Depois veio o que me prendeu para fazer o inquérito sobre o João Silva. Eu falei que ele havia sido meu aluno, que era vereador e que não tinha muita informação. Perguntaram sobre o Davi, queriam saber onde ele estava. Davi era um nome de guerra.

Depois, já quase um mês, veio a morte do Ismael. Só fiquei sabendo quando veio a visita. A visita que recebemos no trigésimo dia era só dos familiares. Eu recebi a visita da minha mãe, do meu irmão e da minha cunhada. Nós fomos colocados em fila indiana e nisso vi alguns companheiros caminhando para uma grande mesa. Nós tínhamos 15 minutos vigiados pelos soldados armados de fuzis e metralhadoras. Os nossos familiares sentados. Aí foi só emoção. Nessa mesa meu irmão me falou da morte do Ismael. Esse irmão não era do partido. Dali mesmo nós fomos levados para o camburão rumo à Brasília. No camburão tinha alguns elementos que eu conhecia. Alguns tinham sido meus alunos. Quase todos eram da Engenharia. O velho Alaor também estava nesse camburão. No caminho o companheiro Hélio fala da morte do Ismael.

Em Brasília fui parar no Grupo de Artilharia Motorizada. Nesse grupo o interrogatório que houve foi com o tenente coronel Rodrigues, que falavam que era responsável por todo inquérito. Era um homem já idade, uns 60 anos, de certo modo um homem respeitável. Ele começou fazendo perguntas sobre a biblioteca, se eu reconhecia os livros. Confirmei que quase todos eram meus. Depois foi o reconhecimento de uma banqueta, que era onde operava o mimeógrafo. Dessa cela fui levado para a Polícia de Instrução Criminal - PIC. Aí vem a fase aguda da prisão, a fase da tortura. Lá eu permaneço quase três meses. Lá tinha inquisidores torturadores. Erámos torturados todos os dias à base de choque elétrico e pancadaria. Sempre tinha um elemento que chefiava as operações, o tal capitão Airton. Esse fica para a história. Era um sádico na maneira de se comportar. Quase todos desse grupo que foi para lá passaram

pelas mãos desse capitão Airton. Tinham outros capitães também, mas esse capitão Airton... Foi uma fase muito difícil, foi uma tortura muito forte. Muita pancadaria, principalmente nos rins. Era bater e cair. Choques elétricos todos os dias. Depois, a que eu considero a pior de todas, que é a psicológica. E foi também acompanhada de uma tortura base que eu percebi, mas não sabia que era, o chamado soro da verdade. Depois eu vim saber. Como eu percebi isso? Logo no 1º dia começa a tortura com o capitão Airton e ele fala que vou ser levado para uma cela que é a mais imunda, mais cheia de baratas... À medida que eu fui colocado na cela, a cela 14 – meu livro que vou publicar se chama Cela 14 – que na verdade não era imunda coisa nenhuma. Uma cela pequena, normal, tinha muitas baratas, mas que vinham à noite. Os interrogatórios eram todos os dias de manhã, à tarde e à noite. Era raro o dia que não tinha tortura. Algumas sessões com a presença de alguns companheiros, todos foram barbaramente torturados. A gente percebia pela feição deles. Nessa cela começo a perceber alguma coisa na comida. Comia e depois começava uma certa frouxidão, uma moleza. Aí era levado para a sessão de tortura da tarde e em seguida a da noite. A voz ficava mais mole, mais frouxa, seguida de sons. Eles montaram uma tortura psicológica à base de gravações.

REARTICULAÇÃO DO PARTIDO

Eu não quero nem contar porque eu estava com o Bailão quando fomos fazer uma rearticulação do Partido. Nós já tínhamos saído e tentamos rearticulá-lo. Uma das primeiras pessoas que fomos procurar foi o Bené. E foi muito horrível, principalmente para o Bailão. A casa dele, junto com o filho dele que era um engenheiro, que estudou em Moscou, era uma verdadeira central do movimento revolucionário. Tinha uma atuação imensa. Naquela época ele era o secretário geral do Partido, deu todo apoio. Ele foi preso, acho que passou por torturas, por isso mudou de posição, não teve ideologia suficiente. Na época do golpe ele era secretário geral do Partido. Depois renega o Partido, não queria mais ver nenhum militante do Partido. Nós fomos... Eu não, mas fazia parte dessa missão. O Bailão foi enxotado da casa dele... Pelo o companheiro que deixou de ser companheiro.